

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Sanson Portella
Rosangela de Jesus Silva

Oitocentos

Tomo IV

O Ateliê do Artista

Rio de Janeiro
CEFET/RJ
2017

Realização da Publicação

CEFET/RJ
UFRRJ
UNILA
Museu da República/RJ

Organização

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Sanson Portella
Rosangela de Jesus Silva

Projeto Gráfico e Editoração

Luiz Henrique Pereira Peixoto

Imagem da Capa

“Ant. Parreiras e seus modelos no atelier em Paris”.
Fotografia pertencente ao álbum de Moysés Nogueira da Silva, Álbum de fotografias de artistas brasileiros e estrangeiros. Acervo da Fundação Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro

Editoras

CEFET/RJ
DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no IV Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700 Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista. Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi,
039 Isabel Sanson Portella, Rosangela de Jesus Silva (organizadores).– Rio de Janeiro:
CEFET/RJ, 2017. II.
346 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-012-9

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Ateliê. 4. Arte – História. I. Valle, Arthur. II.
Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel Sanson. IV. Silva, Rosangela de Jesus. V. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-012-9





Apresentação

Arthur Valle e Camila Dazzi

Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista é constituído por um conjunto de escritos e imagens que promovem a discussão sobre o ateliê do artista no século XIX e primeiras décadas do XX. O livro se insere em uma tendência internacional entre os investigadores de história da arte que busca refletir, de uma maneira ampla, sobre os espaços de criação dos artistas.

Em artigo recente,¹ Rachel Esner apresentou um levantamento da bibliografia sobre o tema do ateliê, incluindo publicações-chave como: *Imagination's Chamber: Artists and their Studios* (London, 1983), de Michael Peppiatt e Alice Bellony-Rewald; *The Studios of Paris. The Capital of Art in the Late Nineteenth Century* (New Haven, 1988), de John Milner; *Das Atelierbild in der Französischen Malerei 1855-1900* (Köln, 1999), de Ingeborg Bauer; *Das Atelier des Malers: Die Diskurse eines Raums in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts* (Berlin, 2004), de Eva Mongi-Vollmer; *Inventions of the Studio, Renaissance to Romanticism* (Chapel Hill e London, 2005), editado por Michael Cole e Mary Pardo; *Ateliiergeheimen. Over de werkplaats van de kunstenaar vanaf 1200 tot heden* (Amsterdam e Zutphen, 2006), editado por Mariëtte Haveman entre outros; *The Fall of the Studio. Topos Atelier. Werkstatt und Wissensform* (Berlin, 2010), editado por Michael Diers e Monika Wagner. Entre as exposições que trataram do ateliê do artista e cujos catálogos são fontes preciosas, Esner destaca: *Rebels and Martyrs. The Image of the Artist in the Nineteenth-Century* (2006); *The Artist's Studio*

¹ ESNER, Rachel. In the Artist's Studio with L'Illustration. *RIHA Journal* 0069 | 18 March 2013.

(2009); *Mythen van het atelier. Werkplaats en schilderpraktijk van de negentiende eeuwse Nederlandse kunstenaar* (2010); *L'Artiste en représentation. Images des artistes dans l'art du XIXe siècle* (2012); *Mythos Atelier. Von Spitzweg bis Picasso, von Giacometti bis Nauman* (2012); *Bohèmes, de Léonard de Vinci à Picasso* (2012).

O ateliê do artista como tema de investigação não é, portanto, novo na historiografia da arte, mas a insistência sobre ele verificável nos últimos anos é digna de nota. Alguns exemplos ainda mais recentes incluem o periódico *Perspective*, vinculado ao Instituto Nacional de História da Arte da França, que, em meados de 2014, dedicou um número exclusivamente ao ateliê, reunindo trabalhos que o abordam em diversos espaços e tempos, da Antiguidade aos dias atuais. Também em 2014, dentro da coleção “Iconographie en débat,” foi lançado *Portraits d'ateliers*, a reedição de um álbum de fotografias de artistas em seus ateliês, editado originalmente no fim do século XIX. Em 2016, por fim, o Petit Palais abrigou a exposição *Dans l'atelier. l'artiste photographié D'ingres à Jeff Koons*, que exibiu centenas de fotografias (mas também pinturas, esculturas e vídeos) que aproximavam o visitante do processo de criação de artistas diversos.

Partindo desse *corpus* de estudos, *Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista* considera que o tema do ateliê do artista é de grande relevância para a compreensão dos processos de produção e recepção da arte, bem como de construção da imagem do artista. Nessa perspectiva, o ateliê constitui uma encruzilhada decisiva onde se evidenciam as relações entre processo criativo, produto acabado, modos de exibição das obras e identidade do artista.

Os capítulos reunidos neste livro propõem uma análise do que acontece nesses espaços de criação e o que deles se representa. São considerados diversos aspectos do tema: o ateliê como espaço de recepção da obra de arte; o ateliê como um espaço entre o privado e o público; o ateliê como local de ensino e aprendizagem; as representações do ateliê na literatura artística; o ateliê como espaço de comercialização de obras; a

Figura 1 - Tito Conti (842-1924), *Nello studio del pittore*, 1867. Óleo sobre tela, 28 x 40 cm. Collezione Molo, Itália.



geografia dos ateliês em determinadas cidades; entre outros. Um aspecto é, entretanto, privilegiado no contexto do livro: trata-se das representações do ateliê, incluindo aquelas que se relacionam com a construção da imagem do artista.

Como é bem sabido, a partir do chamado Renascimento cresceu o desejo dos artistas em conferir uma dimensão mais nobre ao seu trabalho, distinguindo-o do mundo do artesanato. Uma nova iconografia do ateliê então se afirmou, simultaneamente ao processo de



Figura 2 - Jean-Baptiste Debret (1786-1848), *Meu ateliê do Catumbi*, 1816. Aquarela sobre papel, 7,9 x 10,9 cm. Museu Castro Maya - IPHAN/MinC

pretensa dissociação entre fazer artístico e fazer manual. A elevação do estatuto social do artista implicou na modificação do seu lugar de trabalho, que gradativamente se transformou em um espaço privado, dedicado em boa medida a um labor de caráter intelectual [Figura 1].

Como demonstram os estudos sobre o ateliê acima referidos, o século XIX assinalou um aumento expressivo na produção e propagação de imagens retratando esses espaços de criação. Foi justamente nesse período que representações pintadas, desenhadas ou fotografadas do ateliê se tornaram mais frequentes também na arte do Brasil e de outros países da América Latina [Figura 2]. Concomitantemente a tal fenômeno, o ateliê passou a ser entendido como um reflexo do temperamento e singularidade do artista, como “uma sinédoque capaz de conter a sua personalidade e o conjunto de suas realizações.”² Esse processo conduziu a uma codificação de imagens do ateliê em categorias retóricas recorrentes como, por exemplo: o ateliê austero do artista dedicado exclusivamente ao seu trabalho, em contraste com o ateliê como espaço marcado por ritos de sociabilidade; ou, ainda, o sótão miserável do artista rejeitado por um público filisteu em contraste com “ateliê-salão,” caracterizado pela opulência de sua decoração.

Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista visa, assim, contribuir para o entendimento dessas representações do ateliê como um elemento importante no processo de construção da imagem do artista e revelador das funções díspares que o seu espaço de criação podia assumir.

² LACROIX, Laurier. *L'atelier-musée, paradoxe de l'expérience totale de l'oeuvre d'art*. *Anthropologie et Sociétés*, vol. 30, no 3, 2006, p. 29.